

Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar

Narjara Mendes Garcia

Maria Angela Mattar Yunes

Priscila Freitas Chaves

Lídia Oliveira dos Santos

Introdução

A família, enquanto um importante contexto de desenvolvimento humano, propicia interações significativas entre as pessoas e destas com os diversos contextos ecológicos (Bronfenbrenner, 1979/1996; Rodrigo e Palacios, 1998). Indubitavelmente, o ambiente familiar contribui para o processo educativo e formativo dos seus integrantes. A educação nas famílias é percebida, no senso comum, como algo natural das pessoas, geralmente determinada como tarefa feminina (Gomes, 1994; Szymanski, 1996; Silva, 1998). No entanto, o processo educativo nas famílias não se apresenta de forma sistematizada e natural (Szymanski, 2000). A educação familiar se constitui em processo social, histórico e cultural, presente no cotidiano de vivências e na transmissão geracional de saberes, valores, hábitos, normas e padrões de convivência (Benincá e Gomes, 1998).

Atualmente, pode-se observar um forte apelo da mídia no incentivo à educação e ao cuidado eficiente e adequado das crianças pela família. São mensagens como *Educar é tudo* (RBS), *Um bom exemplo* (Rede Globo), *A educação começa em casa* (Governo Federal), dentre outros, que colaboram para expressar a intencionalidade e os objetivos da educação nas famílias. No entanto, essa educação ainda é pensada no senso comum como uma habilidade inata que pressupõe que “pais nascem sabendo serem pais” e nega que os pais aprendem a educar seus filhos com seus pais. Nessa perspectiva última, os modelos são reproduzidos ou reinventados nas interações entre as gerações familiares (Falcke e Wagner, 2005). No entanto, na maioria das vezes, não são oportunizadas situações para

a reflexão crítica para as famílias. Assim, a transmissão geracional pode formar e construir papéis e práticas dos integrantes da família ao longo de muitos ciclos familiares.

Apesar de ser considerada uma dimensão de educação não formal que se realiza nas relações cotidianas sociais e comunitárias fora do âmbito escolar, a educação *nas* famílias não deve ser pensada e abordada como neutra, naturalizada e descompromissada com a mudança social. O grupo familiar deve ser e estar inserido como participante do processo educativo ambiental. Sob essa perspectiva, a educação ambiental apresenta um novo paradigma educacional que estuda os processos permanentes de formação de “sujeitos ecológicos” (Carvalho, 2002). Trata-se de um importante conjunto de conhecimentos que apresenta e propõe instrumentos para a promoção do desenvolvimento humano e comunitário. Portanto, deve estar presente na escola, na família, no bairro, nas políticas públicas, nos diversos contextos e instituições sociais. Como ressalta Loureiro:

[...] não é suficiente em si realizar uma práxis educativa cidadã e participativa se isso não se relacionar diretamente com outras esferas da vida (família, trabalho, instituições públicas, modo de produção, interações ecossistêmicas, etc.), vendo a educação como um processo global, para além do ensino formal. Do contrário, se perderia sua dimensão revolucionária. (2004, p. 97)

Dessa forma, se a criança/adolescente no ambiente familiar, continuar sendo educada segundo padrões e normas morais que servem para a manutenção do *status quo*, a educação ambiental no espaço escolar fica restrita e pouco eficiente. Nesse sentido, a educação ambiental *nas* famílias deve existir como um projeto educativo que privilegie a participação ativa, consciente e crítica desses grupos na gestão e busca de alternativas para a solução dos problemas ambientais (Santos e Sato, 2001). Deve ainda promover o exercício de papéis políticos da transmissão cultural através das gerações e da formação de sujeitos sociais.

Este trabalho pretende ampliar o espectro dessas reflexões investigando as crenças, os significados e os processos de educação nas famílias de pescadores artesanais tendo como foco a transmissão geracional dos conhecimentos e papéis para o trabalho na pesca no ambiente familiar.

Transgeracionalidade da cultura familiar

O ambiente familiar constitui cenário de encontro *intergeracional* – relações recíprocas entre as diferentes gerações – e *intrageracional* – interações que acontecem entre pessoas que pertencem à mesma geração. Nessas relações e interações ocorre a transmissão de valores, saberes e atitudes que possibilitam o processo de construção da realidade no curso vital de várias gerações (Macedo, 1994). Esse fenômeno de transmissão da cultura familiar é definido pela bibliografia especializada como *transgeracionalidade*. A transgeracionalidade refere-se ao estudo da diversidade de padrões familiares que perpassam a história familiar de uma geração a outra, mesmo que as pessoas envolvidas não percebam (Falcke e Wagner, 2005). Esse processo é “bidirecional”, pois “as trocas intersubjetivas na família, numa situação de apoio mútuo, oferecem oportunidades de desenvolvimento para todos os envolvidos, não só para as crianças” (Szymanski, 2004, p. 08).

Os conteúdos culturais transmitidos das gerações mais velhas para as mais jovens não permanecem intactos, imutáveis através dos tempos. As gerações apresentam “características peculiares que as identificam como diferentes da anterior e, provavelmente, da seguinte” (Benincá e Gomes, 1998, p.179). A alteração de alguns conteúdos culturais pelas gerações procedentes deve-se à influência dos condicionantes históricos e sociais que fazem parte do tempo/espço vivenciado por essas gerações. Nessa perspectiva, Falcke e Wagner (2005) alegam que os valores presentes no contexto familiar tanto podem ser perpassados por temas que historicamente têm sido considerados relevantes para as famílias, bem como podem ser incorporados por novos temas devido aos avanços sociais.

Outro fator que caracteriza a transgeracionalidade nas famílias, e que vai além da mera repetição de padrões culturais, é a tentativa, em muitos casos, de rejeição do modelo familiar de origem e a busca de novos padrões ou do modelo oposto pelas gerações mais jovens (ibid.). Mesmo nesses casos ocorre transmissão cultural, porém essas gerações mais jovens repensam os conteúdos culturais transmitidos e tentam não reproduzir os aspectos considerados insignificantes ou desfavoráveis ao bem-estar das gerações procedentes. A busca pela alteração, mudança ou oposição aos modelos existentes faz parte da própria constituição da história social das famílias e das alterações das expectativas sobre os papéis exercidos pelos membros que integram esse contexto.

Contudo, alguns aspectos permitem a linearidade e a identificação da cultura familiar que atravessa diferentes gerações. Segundo Rodrigo & Palacios

(1998), “a principal ‘matéria’ de construção e transporte entre as três gerações são uma parte, o afeto e, por outra, os valores que regem a vida dos membros da família e servem de inspiração e guia para suas ações” (p. 35). Há uma expectativa social e uma incorporação/identificação, na maioria das vezes, pelos membros da família sobre os papéis que devem exercer e sobre os principais valores e atitudes que devem ser perpetuados dentro desse ambiente (como o amor, o afeto, o cuidado, etc.). Segundo Bronfenbrenner, “o papel é uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa” (1979/1996, p. 68). Assim, tornar-se pai/mãe, avó/avô, filho/filha, irmão/irmã gera uma série de expectativas sobre como exercer tais papéis. De acordo com Bornholdt e Wagner:

A integração da criança na família envolve o ensino de habilidades sociais e a transmissão de normas culturais. Esse é um processo que, gradualmente, leva os progenitores a olharem para si e a partir de suas vivências anteriores, buscarem modelos (ou antimodelos) em como exercer a parentalidade. Esse olhar pode representar a espera de que o filho tenha oportunidades, no mínimo iguais, ou, em algumas ocasiões, exatamente opostas às suas vivências em épocas anteriores. Nesse sentido, esse é um momento que a evolução da vida favorece um encontro com o passado. (2005, p. 83)

O processo educativo nas famílias acontece no cotidiano das interações entre as pessoas nesse ambiente. De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996, p. 46), as relações interpessoais existentes no contexto familiar são formadas por “díades desenvolvimentais”. Uma díade é formada “sempre que duas pessoas prestam a atenção nas atividades uma da outra ou delas participam” e serve para a construção do microsistema família ao possibilitar a formação de estruturas interpessoais maiores (tríades, tétrades, etc.). A díade pode assumir três formas funcionais que fomentam o aprendizado e o desenvolvimento dos envolvidos nessas interações: a) díade observacional: ocorre quando uma pessoa está prestando uma cuidadosa e continuada atenção à atividade de outra pessoa que, por sua vez, reconhece que está sendo observada; b) díade de atividade conjunta: ocorre quando as duas pessoas se percebem fazendo alguma coisa juntos. Essa atividade conjunta “apresenta condições especialmente favoráveis não só para a aprendizagem no curso da atividade comum, mas também para uma crescente motivação para buscar e completar a atividade quando os participantes não estiverem mais juntos”; c) díade primária: ocorre quando as pessoas envolvidas

nessa relação aparecem nos pensamentos de cada um através de fortes sentimentos emocionais e continuam a influenciar as atitudes e atividades uma da outra mesmo estando separadas.

Percebe-se que as relações diádicas apontadas por Bronfenbrenner (1979/1996) podem colaborar para compreender os processos de transmissão cultural nas famílias, já que envolvem processos de aprendizagem no cotidiano distintos dos existentes em espaço de educação formal, como a escola. Na escola, existe um profissional que se propõe a ensinar conteúdos pré-definidos e direciona objetivos e as práticas para que o educando aprenda. Nas famílias, a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem nas próprias relações cotidianas, através de observações, atividades rotineiras realizadas em conjunto, padrões de interação progressivamente mais complexos presentes nessas atividades, afetividade, equilíbrio/ desequilíbrio de poder e valores presentes nas relações interpessoais entre os membros do contexto familiar.

Por fim, cabe destacar que apesar de todos os grupos familiares apresentarem valores, hábitos, mitos, pressupostos, formas de sentir e de interpretar o mundo que são transmitidos através das gerações, tais aspectos mostram-se arraigados a uma cultura familiar própria, em que cada família apresenta peculiaridades e padrões interacionais específicos (Macedo, 1994; Szymanski, 1995, 2004; Yunes 2001a; Yunes, Mendes e Albuquerque, 2005; Garcia e Yunes, 2006).

O estudo sobre a educação nas famílias de pescadores artesanais

A pesca artesanal é uma atividade tradicional e presente há séculos nas comunidades costeiras e ribeirinhas. Essa atividade caracteriza-se pela “simplicidade da tecnologia” e pelo “baixo custo da produção” (Maldonado, 1986), ainda que esses grupos busquem, atualmente, modernizar a atividade. Outra característica que prevalece entre os pescadores artesanais é “a importância da família como unidade de produção e consumo” (ibid., p. 18).

As famílias de pescadores artesanais são grupos que possuem uma cultura específica. Em geral, essas populações possuem conhecimentos sobre a natureza e seus dinamismos que atravessam várias gerações (Paiola e Tomanik, 2002). As práticas artesanais são aprendidas no convívio familiar e no contato direto com a natureza e são utilizadas por pescadores e suas famílias para a subsistência.

Na pesquisa realizada por Costa (2004) sobre as condições de vida dos pescadores e a sustentabilidade da pesca artesanal, os resultados apontaram para a importância da educação *nas* famílias no que tange ao aprendizado da atividade pesqueira. No município de Rio Grande/RS, essa atividade tem um caráter transgeracional, ou seja, as concepções/crenças sobre o trabalho na pesca artesanal são passadas através das gerações familiares, pois 81,69% dos pescadores entrevistados no estudo afirmaram que aprenderam essa atividade no ambiente familiar. Percebe-se com isso que os conhecimentos sobre as práticas da pesca artesanal são construídos e compartilhados no cotidiano desses grupos familiares e fornecem a base da convivência dos indivíduos entre si e com o seu ambiente (Paiola e Tomanik, 2002).

[...] através do conhecimento que tem da natureza que explora para sobreviver e do seu trabalho no mar, o homem se apropria, de determinadas maneiras, dos ambientes produtivos e do mundo em que vive. Essa apropriação se realiza no processo de trabalho e o ultrapassa, pois inspira modos de ser e de estabelecer relações sociais, de constituir família, de organizar o trabalho. (Maldonado, 1986, p. 7)

Em contrapartida, Costa (2004) apresentou dados preocupantes sobre a sustentabilidade dessa atividade no município e sobre a continuidade da pesca artesanal pelas futuras gerações. O autor afirma que “existe uma tendência à diminuição do número de pescadores pelo fato de os mesmos não quererem que seus filhos permaneçam na atividade” (p. 171). Sendo assim, existe uma antinomia no que se refere à educação nesses grupos familiares para o trabalho na pesca artesanal, pois, ao mesmo tempo em que a cultura pesqueira é transmitida na sua maioria de pai para filho, esses pais não querem que os seus filhos reproduzam essa cultura. Torna-se imprescindível, portanto, buscar e compreender que variáveis estariam mobilizando tais ambivalências neste momento.

Diante dessas considerações o presente trabalho pretendeu explicitar as idéias e categorias sobre as especificidades da educação nas famílias de pescadores artesanais quanto à reprodução transgeracional dos saberes e dos papéis para o trabalho na pesca.

Método

Estratégias de investigação

Para a realização deste trabalho foi inicialmente escolhido o método da “Inserção Ecológica” (Cecconello e Koller, 2004), estratégia qualitativa para pesquisar comunidades e famílias em situação de risco em ambiente natural. A inserção do pesquisador no ambiente a ser estudado visa a contribuir para o entendimento do *desenvolvimento-em-contexto* (Bronfenbrenner, 1979/1996) e dos processos implicados. O desenvolvimento, neste caso, é visto como o resultado da multiplicidade de processos de interações recíprocas entre as pessoas e dessas em seus contextos ecológicos.

A “Inserção Ecológica” é um método que apresenta sua base teórica na “Abordagem Bioecológica de Desenvolvimento Humano” (Bronfenbrenner e Morris, 1998) e propõe que o desenvolvimento humano seja investigado e compreendido na ótica de quatro dimensões inter-relacionadas: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo. Essas dimensões da abordagem bioecológica não são consideradas nesta investigação como categorias definidas *a priori* para a delimitação da coleta e análise dos dados de pesquisa. Na metodologia de Inserção Ecológica, a investigação dos núcleos Processo, Pessoa, Contexto e Tempo são possibilidades de lançar um “olhar” holístico e sistêmico sobre as influências no desenvolvimento de pessoas e grupos. Para a identificação de tais núcleos, além da observação naturalística do pesquisador a partir da sua inserção no ambiente investigado e das interações com os participantes da pesquisa, foi necessário o estabelecimento dos seguintes procedimentos e instrumentos para a coleta de dados: diário de campo, entrevistas semi-estruturadas, histórias de vida e genogramas.

Participantes e procedimentos

Foram escolhidas duas comunidades pesqueiras do município de Rio Grande/RS, sendo uma das comunidades pertencente à zona rural e a outra à zona urbana. As comunidades foram escolhidas pelo fato de que as pesquisadoras já mantinham contato com esses ambientes através de visitas a parentes ou pela realização de outras atividades acadêmicas com a comunidade. Outro motivo para a escolha foram os contatos prévios com as lideranças dessas comunidades como mediadores das interações.

Para o contato com os pescadores da zona rural, procurou-se a liderança da comunidade para a indicação da família para o estudo. Esse líder se dispôs a participar pessoalmente, já que a sua família apresentava todas as características solicitadas para a investigação. A família da zona urbana foi indicada pela liderança da comunidade. O líder comunitário acompanhou os pesquisadores até a residência da família indicada e fez as apresentações.

No primeiro encontro, as duas famílias sugeridas receberam o convite verbal para participarem do estudo. Entrou-se em contato com todos os integrantes das gerações familiares para explicação dos procedimentos de pesquisa da seguinte forma: “Gostaria de conhecer a história da sua família e entender como foi a educação nas diferentes gerações. Por isso, peço que me contem, da maneira que quiserem, a sua história desde a infância até os dias atuais. Serão realizadas outras visitas para mostrar uma análise prévia da nossa primeira entrevista e realizar possíveis questões de esclarecimento”. Após a concordância dos grupos familiares em participar da investigação, foram realizadas as visitas com duração de aproximadamente duas horas cada.

As entrevistas foram feitas nas próprias residências das famílias. Como os avós não residiam na mesma casa das gerações seguintes, optou-se por realizar todos os procedimentos de pesquisa com a primeira geração (avós) e, ao término dessa etapa, com a segunda e terceira gerações (filhos e netos). Sendo assim, foi possível realizar a investigação com as gerações familiares em momentos e lugares distintos, o que permitiu assegurar o sigilo e o amplo relato de questões intrafamiliares. Em alguns encontros, as entrevistas não foram gravadas e as visitas serviram apenas para conversar, para interagir e criar uma atmosfera de proximidade com as famílias. Apenas depois de estabelecer um maior contato com as famílias, estas aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a divulgação dos resultados e garantia do sigilo da identidade desses grupos familiares. No início, as mesmas mostraram-se um tanto reticentes e desconfiadas. Cabe destacar que os nomes citados são fictícios para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

Os dados coletados foram analisados qualitativamente, seguindo os passos propostos pela *grounded-theory* (Strauss e Corbin, 1990; Yunes, 2001b), que possibilita a organização e categorização de modo que os resultados emergem a partir dos próprios discursos dos entrevistados e das anotações do pesquisador. A *grounded-theory* possibilita a análise dos dados de modo que as categorias e

subcategorias emergem a partir dos próprios discursos dos entrevistados e das anotações do diário de campo e dos *insights* dos pesquisadores. Assim, as teorias podem ser construídas a partir do processo de pesquisar.

Resultados

Na seqüência, serão explicitadas as categorias e subcategorias extraídas a partir da análise das observações das pesquisadoras durante a Inserção Ecológica e dos relatos das três gerações das famílias de pescadores artesanais participantes do estudo.

A atividade pesqueira e as situações de risco

Os relatos das famílias de pescadores artesanais entrevistadas revelaram situações que reafirmam a situação de vulnerabilidade socioambiental e, de certa forma, apresentam-se como fatores de risco à sobrevivência desses grupos. Entende-se por fatores de risco

[...] não apenas os eventos negativos de vida que aumentam a probabilidade de um indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais, mas os processos dinâmicos das situações de dificuldades que envolvem fatos que antecedem e procedem algumas circunstâncias de vida. (Garcia e Yunes, 2006)

Assim, os fatores de risco apontados estão associados às percepções das famílias sobre processos e situações relacionadas ao trabalho que realizam – atividade de pesca artesanal – e às políticas públicas direcionadas a essa população.

Os pescadores da primeira (avós) e segunda geração (pais) das famílias deste estudo apontaram mudanças na atividade da pesca artesanal ao longo de três gerações da família. Uma mudança significativa na atividade ao longo das gerações se refere à comercialização do pescado. Os pescadores destacam que, antigamente, havia mais pescado, mas com mais dificuldade de comercialização. Além disso, o valor atribuído ao produto era baixo: “*De primeiro não se vendia, mas tinha muita fartura*” (Roberto/segunda geração/família da zona urbana). Esses pescadores relatam que atualmente existe pouco pescado e mais facilidade na comercialização: “*Hoje é mais fácil. Ele vem pegar aqui só depende de pescar, porque já tá vendido*” (Augusto/primeira geração/família da zona rural). Apesar da melhoria na comercialização e da modernização dos materiais, o que tem preocupado os pescadores é a escassez do pescado, pois isso interfere negativamente na renda

familiar e limita as possibilidades de consumo desse produto pelas próprias famílias de pescadores, o que contribui para agravar as condições de sobrevivência desses grupos: *“Agora mesmo não tem nada, nada (de peixe). Agora tá só o siri”* (Maria/primeira geração/família da zona rural).

Um dos pescadores entrevistados atribui a responsabilização pela escassez do pescado ao avanço tecnológico e à mudança dos materiais: *“Olha, nem sei te dizer se é melhor, ou se é pior, porque as invenções acho que foram terminando com a pescaria. Hoje em dia não tem mais (pescado), porque foi as invenção mesmo”* (Roberto/segunda geração/família da zona urbana). Neste caso, o avanço tecnológico é percebido pela mesma família ora como um fator de melhoria (proteção) na realização da atividade pesqueira, ora como um fator negativo (risco) à sustentabilidade da atividade pesqueira.

Sendo assim, a atividade pesqueira se configura como trabalho/emprego de risco por dificultar as possibilidades de lucro, devido à diminuição do pescado e ao aumento da concorrência, principalmente a partir da modernização e expansão dessa atividade: *“Dificuldade assim de peixe, de pesca, o cara tem, no inverno mesmo o cara não tem nada de ganho, no inverno assim, fica muito ruim”* (Roberto/segunda geração/família da zona urbana). Além disso, a pesca também se apresenta como atividade de risco devido aos perigos relacionados à vivência no mar, como a fragilidade do equipamento, que podem ocasionar acidentes fatais no trabalho: *“O que houve de mais ruim, foi as vezes aí no mar mesmo, temporal que eu já peguei”* (Augusto/ primeira geração/ família da zona rural).

É um troço imprevisível, no mar o cara nunca pode achar que eu sei fazer isso, eu sei fazer aquilo. De nada acontece um troço e o cara cai na água (...). Eu caí, fui me agarrar na rede, tava arrastando uma perto da ponte, resvalei e caí quase dentro da rede. Já perdemos dois da família falecido, nosso sobrinho e meu primo, também lá para aqueles lado da Barra. (Roberto/segunda geração/família da zona urbana)

Na segunda e terceira gerações das famílias de pescadores artesanais entrevistadas, os relatos revelaram situações que reafirmam a situação de vulnerabilidade socioambiental e, de certa forma, apresentam-se como fatores de risco à sobrevivência desses grupos. Essa categoria está de acordo com os estudos realizados por Maldonado (1986), que aponta o fato de, nas análises feitas sobre a especificidade da pesca artesanal, consensualmente, essa atividade ser caracterizada como arriscada, no que se refere à segurança física dos pescadores, por causa dos perigos do mar; os reveses que eles sofrem no mercado devido à

exploração dos intermediários; da perecibilidade do pescado, que exige comercialização rápida; da imprevisibilidade da produção, devido à natureza cíclica e móvel do pescado.

Transmissão geracional da cultura pesqueira

Os resultados apontam para linearidades na transmissão geracional dos saberes sobre a pesca. As famílias de pescadores entrevistadas salientaram que o modo de realizar a atividade pesqueira e transmitir esse conhecimento para as gerações seguintes permanece inalterado ao longo das três gerações do grupo familiar. Ou seja, os pescadores continuam ensinando seus filhos a pescar artesanalmente da mesma forma e com os mesmos saberes específicos sobre o ambiente e a extração do pescado. Repetem os ensinamentos recebidos por seus pais ou parentes. Os conteúdos presentes nesses saberes e ensinamentos fazem referência à captura do pescado, ao manuseio de equipamentos e embarcações, às percepções sobre o clima e as marés, limpeza e preparo do pescado para comercialização, confecção e remendo de redes, dentre outros.

Os relatos apontam para a transmissão dos conhecimentos e atitudes através do exemplo dos pais, ou seja, os filhos acompanham e auxiliam o pai pescador no cotidiano da realização das atividades pesqueiras: *“Se eu disser pra te que ele (pai) não me ensinou, eu aprendi só vendo.(...) Chegava em casa, aí eu via eles remendando rede, ajeitando também, aí eu aprendi, nunca diz ele assim, pegou a rede assim, não, faz isso faz aquilo”* (Roberto/segunda geração/família da zona urbana).

Somente na terceira geração na família da zona urbana é que o filho afirma que, além dos exemplos, o pai explicou e esclareceu dúvidas sobre a atividade pesqueira: *“Olha, eu fui indo com o meu pai, ele me ensinava, eu perguntava o que era, como é que soltava a rede, colhia, onde era isso”* (Renato/terceira geração/família da zona urbana).

Os pescadores pertencentes à segunda geração das famílias entrevistadas relatam que o aprendizado da pesca acontece no cotidiano e na forma de imitação e que dificilmente se aprende a ser pescador apenas tendo explicações teóricas sobre essa atividade. Por isso, afirma-se que é necessário ser filho de pescador ou conviver diariamente no contexto da pesca: *“Foi na prática. É que essas coisas aí, agricultura e pesca, não se aprende na teoria. Na teoria alguma coisa até, mas se você se baseia na teoria morre de fome, tanto a pecuária e a agricultura essas coisas todinhas”* (Giovane/segunda geração/família da zona rural). Através dos relatos das famílias

participantes do estudo percebe-se que as habilidades, normas e os conteúdos são transmitidos via discurso ou comportamentos de quem faz para aquele que “vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de *fazer a coisa*” (Brandão, 1984, p.18) e serve de identificação da cultura familiar que atravessa diferentes gerações. No entanto, não se pode desconsiderar o papel essencial da práxis educativa para que as gerações mais jovens possam não só reproduzir como também repensar suas ações e os conteúdos culturais que estão sendo transmitidos.

O papel da mulher na atividade pesqueira e a transmissão geracional

Cabe destacar que, apesar de a atividade pesqueira estar ainda muito associada ao papel dos homens pescadores e da transmissão desse papel para os filhos (meninos/homens), o papel da mulher também se destaca na educação familiar para a pesca artesanal nas famílias entrevistadas. Assim como os meninos aprendem a ser pescadores e ir para o mar, as mães ensinaram/ensinam suas atividades de pesca através do exemplo e do convívio familiar. Portanto, as filhas aprendem o papel da mulher na família que exerce a atividade pesqueira (limpeza e preparo do pescado para a comercialização). “*Elas (filhas) ajudavam em terra depois que elas ficaram moças, a partir de uns doze anos mais ou menos. Três filhas são mulheres de pescador, apenas uma não é. Essas (filhas) que são mulheres de pescadores seguem na lida só em terra*” (Emanuel/primeira geração/família da zona urbana).

Os relatos apontam ainda que o papel da mulher na atividade pesqueira, na maioria das vezes, é de ajudar o homem (marido ou pai). Elas mesmas não se percebem como *trabalhadoras* da pesca (pescadora) e sim *auxiliares* da atividade realizada pelo marido (mulher do pescador). Entretanto, é ela que realiza importantes “atividades em terra” o que é essencial para que o pescado fique pronto para a comercialização. “*Ela (mulher) me ajudava a ‘desmalhar’, tirava, trazia o peixe na rede*” (Augusto/primeira geração/família da zona rural). “*Ajudava, ajudava. No mar não, mas em terra ajudava, eu fazia rede. Limpar peixe. Tirava muita carne de siri. Ralava o peixe*” (Emanuel/primeira geração/família da zona urbana). Percebe-se com isso que as mulheres aprendem desde meninas o seu papel “de ajudantes” na atividade pesqueira através do exemplo da mãe: quando pequenas *ajudam* o pai e depois de casadas *ajudam* o marido. Isso demonstra uma reprodução transgeracional do papel auxiliar feminino na atividade pesqueira, em que a mulher não é vista e nem se percebe como “trabalhadora” da pesca (pescadora),

mas sim como “auxiliar” do homem pescador. Entende-se, com isso, que a atividade da mulher “em terra” está subjugada à atividade da pesca “no mar”, eminentemente masculina.

Segundo Maldonado, na atividade pesqueira, essa divisão do trabalho entre os gêneros feminino e masculino são marcos bastante fortes:

Os homens pescam e as mulheres se ocupam das tarefas domésticas. Não é raro – e no Brasil ocorre com freqüência considerável – que os membros da família que não fazem parte das tripulações – geralmente mulheres e crianças – desempenhem tarefas consideradas de *terra*. (1986, p. 19)

As “atividades em terra” estão diretamente relacionadas às tarefas domésticas, que ainda são predominantemente realizadas pelas mulheres, e as “atividades no mar” são realizadas pelos homens por envolver aspectos culturalmente associados ao gênero masculino, como força, coragem e insubordinação. Tais definições de papéis de homens e mulheres na atividade pesqueira não se apresentaram conflituosas nas famílias entrevistadas. As mulheres aceitam o seu papel, pois acreditam estar auxiliando o marido na obtenção/ manutenção da renda familiar. Entretanto, cabe frisar que esta investigação de curto prazo não possibilitou observar de que maneira se constituem outras dimensões das relações de poder entre os homens e mulheres dessas famílias.

Os desejos e os receios sobre a transmissão geracional da atividade pesqueira

A atividade pesqueira artesanal tem um caráter transgeracional, em que os conhecimentos sobre as práticas da pesca artesanal são construídos e compartilhados no cotidiano dos grupos familiares, como mencionado nas categorias anteriores. Fica evidente a importância da educação familiar para a continuidade e a sustentabilidade da cultura pesqueira.

Os relatos da segunda geração das famílias entrevistadas apontam para o receio e para os sentimentos de ambivalência dos pais acerca da continuidade da atividade pesqueira pelas gerações procedentes. Diante das adversidades vivenciadas no cotidiano desses grupos de trabalhadores, os pais percebem que o melhor para seus filhos é não continuar na atividade pesqueira. Nesse sentido, apesar de gostarem de realizar o trabalho da pesca artesanal, essas famílias não querem que seus filhos vivenciem a situação de risco proporcionada pela realização dessa atividade, tanto no que se refere aos perigos no mar como as dificuldades

socioeconômicas decorrentes: “*Eu não quero levar pra não ficar dizendo que ta motivando eles (filhos) para eles irem para o mar, daí deixa meio de lado assim, pra ver se eles vão deixando pra ver*” (Roberto/segunda geração/família da zona urbana). “*Eu digo por causa de ter uma qualidade de vida melhor, melhor que a minha. De estudar e ser alguém*” (Giovane/segunda geração/família da zona rural). Nota-se com essa afirmação uma desvalorização da pesca como profissão e a valorização do estudo enquanto ferramenta para ascensão social, o que não é o caso da pesca. “*Eles (os pais) querem que estude o que tem que estudar, te forma, que a pesca não é futuro, ele sempre falou*” (Tomás/terceira geração/família da zona rural).

No entanto, ao mesmo tempo em que o pai não quer que os filhos sejam pescadores, se não conseguirem estudar, a pesca aparece ainda como uma boa alternativa de vida para os filhos: “*Minha vontade é isso, mas se não der... Ah! Eu ensino... Pra tar na vagabundagem de um lado pro outro, fica então aí ajudando a remendar uma rede, uma coisa ou outra*” (Giovane/segunda geração/família da zona rural). Com isso, os pais enfrentam um dilema: não querem que seus filhos continuem na pesca, mas necessitam do seu apoio e/ou ensinam essa atividade ao envolvê-los na sua realização: “*(Os filhos) Ajudam também. Até tando no colégio, eles estudam de manbã, se a gente faz um siri eles descascam*” (Glória/segunda geração/família da zona urbana).

Discussão e considerações finais

Os resultados apresentados reafirmam a pesca como uma atividade familiar. “*É, todo mundo ajuda. Sempre tem o que fazer, ‘em terra’ sempre tem*” (terceira geração/família da zona rural). Pode-se perceber a importância das interações entre pais e filhos, ou mãe e filhas, e a transmissão familiar da cultura pesqueira na definição de papéis entre homens e mulheres. Todos os membros do contexto familiar participam ativamente da realização dessa atividade.

O ensino da atividade pesqueira nas famílias participantes deste estudo mostrou-se presente nas relações cotidianas entre pais e filhos desses grupos. Nos relatos das famílias pesquisadas, o pai aparece claramente como o exemplo para o filho e no convívio, no dia-a-dia e na prática, ensina o menino a pescar no mar. Por sua vez, a mãe ensina a filha o seu lugar e sua “atividade e papel em terra”. Essas interações são formadas inicialmente pelas “díades desenvolvimentais” (Bronfenbrenner, 1979/1996) desde tenra idade, em que “duas pessoas prestam atenção nas atividades uma da outra ou delas participam” e

evoluem para complexos processos proximais ao longo dos anos. A evolução processual é a seguinte: a) *díade observacional*: nos casos em que o filho/filha observa e presta a atenção à atividade que o pai/mãe realiza que, por sua vez, reconhece que está sendo observado e, em alguns casos, explica as suas ações. Sendo assim, os filhos aprendem através dos modelos e exemplos que os pais demonstram na realização da atividade pesqueira, como apontam os relatos das famílias participantes do estudo; b) *díade de atividade conjunta*: ocorre quando os pais e os filhos se percebem fazendo alguma coisa juntos, ou seja, no exercício prático da pesca. Para a melhor realização dessa atividade conjunta, é necessário estabelecer uma relação afetiva, em que prevaleça o apoio mútuo, a confiança e a reciprocidade entre pais e filhos. Além disso, torna-se importante a existência de um equilíbrio de poder, em que a criança busque ser autônoma e cada vez menos dependente dos pais para realizar as tarefas. Nas famílias entrevistadas, essas características aparecem mais evidentes nas relações entre pais e filhos da segunda e terceira gerações, consecutivamente, através do diálogo e da busca da autonomia dos adolescentes nas suas decisões e escolhas; c) *díade primária*: nas famílias entrevistadas, os filhos realizam a atividade sem a presença dos pais, mas as interações vivenciadas aparecem nos pensamentos de cada um, através de fortes sentimentos emocionais, e continuam a influenciar a realização da atividade pesqueira. Cabe ressaltar que as lembranças das experiências que os filhos vivenciaram com seus pais na realização da pesca, relatadas no decorrer das entrevistas realizadas, reafirmam essa categoria.

Esses resultados colaboraram para a compreensão da transmissão geracional da atividade pesqueira e confirmam a idéia de que a educação nas famílias de pescadores artesanais está direcionada para os processos de aprendizagem cotidianos da realização da pesca. Esses processos se dão através de observações, atividades rotineiras realizadas em conjunto, padrões de interação progressivamente mais complexos como a afetividade e o equilíbrio/desequilíbrio de poder presentes nas relações interpessoais entre os membros do contexto familiar.

Sendo uma das inúmeras variáveis do processo educativo nas famílias, o ensino da pesca se constitui como uma atividade com forte presença no ambiente familiar e vivenciada cotidianamente entre pais e filhos. E qual a contribuição da transmissão da cultura pesqueira nas famílias para o desenvolvimento comunitário? Percebe-se que as famílias de pescadores artesanais investigadas apresentam uma visão crítica do seu contexto. Eles apontam as adversidades enfrentadas na atividade pesqueira, tanto no que se refere aos perigos no mar como às dificulda-

des socioeconômicas existentes como situações de risco na suas vidas profissionais. Apesar desse “olhar ecológico” sobre as situações micro e macrosistêmicas que influenciam as comunidades da zona rural e urbana, as famílias de pescadores artesanais relatam não participar de ações ou tentativas de mobilizações para uma mudança ou alteração nas condições adversas vivenciadas. Ao contrário disso, essas famílias, por vezes, desvalorizam a pesca como profissão e a localidade onde vivem, e desejam que seus filhos mudem de vida através da escolarização, da migração da zona rural para a urbana e de outras oportunidades de trabalho e renda. É importante reconhecer que essas famílias atribuem sentido relacional às situações de risco vivenciadas e que seus membros demonstram união, uma busca coletiva e compartilhada de prover o sustento e enfrentar as adversidades. Porém, deve-se problematizar que isso não é vivenciado junto à comunidade e com os pares, para além do ambiente familiar.

De acordo com o paradigma da Educação Ambiental, a educação deve estar direcionada para que as pessoas, os grupos e as comunidades compreendam e participem das lutas por melhores condições e qualidade de vida, tanto nos contextos mais imediatos (como o ambiente familiar) quanto nos mais distais (como o ambiente comunitário e social) em que estão inseridos. Nesse sentido, a educação nas famílias deve estar direcionada tanto para o desenvolvimento desses grupos como da própria comunidade em que vivem.

Portanto, fica evidente que a educação nas famílias, que tenha como base o diálogo, a afetividade e a colaboração, pode contribuir para a reflexão sobre as situações de vulnerabilidade socioambiental e influenciar na formação de sujeitos sociais mais participativos para realizarem suas escolhas, tais como continuarem ou não na atividade pesqueira artesanal.

Resumo

A educação nas famílias de pescadores artesanais, além de transmitir saberes sobre a realidade, o cuidado e a promoção do desenvolvimento humano, também se direciona para a aprendizagem da atividade pesqueira. Este trabalho teve como objetivo investigar as crenças e os significados da educação nas famílias de pescadores artesanais, no que se refere aos conhecimentos e papéis para o trabalho na pesca. Para isso, foram escolhidas aleatoriamente duas famílias de pescadores artesanais do município de Rio Grande/RS e investigadas três gerações de cada família participante do estudo. O método usado foi a Inserção Ecológica e os dados foram analisados qualitativamente, seguindo os passos propostos pela *grounded-theory*. Os resultados apontam para linearidades na transmissão

geracional dos saberes sobre a pesca e definição de papéis do homem e da mulher no desempenho dessa atividade. Esses resultados salientam que a educação nessas famílias tem contribuído para a continuidade da cultura da pesca com evidências na formação de sujeitos sociais críticos e participativos.

Palavras-chave: educação; famílias; pesca artesanal; transmissão geracional.

Abstract

The education in non industrial fishing families, besides transmitting knowledge about reality, caretaking and promoting human development has the specificity to focus the processes of teaching fishing activities. This work aimed to investigate beliefs and meanings of education in non industrial fishing families in respect of the aspects of knowledge and roles for the activity of fishery. It were chosen at random two fishing families in the city of Rio Grande/RS. Three generations of each family were investigated and participated of this study. The method was the ecological engagement and the data were qualitatively analyzed following the steps proposed by the grounded-theory. The results point to the linearity of generational transmission of the knowledge on fishing and the definition of men and women roles concerning this activity. The results focus that education in these families have been contributing to the continuity of the fishery culture which brings light to the role of the family in forming social individuals.

Keywords: education; families; non industrial fishery; generational transmission.

Resumen

La educación en las familias de pescadores artesanales, además de presentar como características la transmisión de saberes sobre la realidad, lo cuidado y la promoción del desenvolvimiento humano, también tiene la especificidad de estar diricionada para la aprendizaje de la actividad pesquera. Este trabajo tubo como objetivo investigar las creencias y los significados de la educación en las familias de pescadores artesanales, en lo que se refiere a la transmisión de los saberes y papeles para el trabajo en la pesca. Para esto fueron escogidas aleatoriamente dos familias de pescadores artesanales del município de Rio Grande/ RS. Fuerón investigadas tres generaciones de cada familia participante del estudio. La metodología escogida para esa investigación fue la "inserción ecológica" y analisis qualitativa de los datos, siguiendo los pasos propuestos por la grounded-theory. Los resultados apuntan para linearidades en la transmisión geracional de los saberes sobre la pesca y en la definición de papeles del hombre y de la mujer en el desempeño desta actividad. Estos resultados salientan que la educación en estas familias tienen contribuyido para la continuidad de la cultura de la pesca, lo que evidencia el papel de formación de sujetos sociales ejercidas por las familias.

Palabras claves: educación; familias; pesca artesanal; transmisión geracional.

Referências bibliográficas

- Benincá, C. R. S. (1997). Percepção do relacionamento familiar: um enfoque trigeracional. *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*, ano 13, n. I e II, pp. 41-53.
- Benincá, C. R. S. e Gomes, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*, v. 3 n. 2, pp. 177-205.
- Bornholdt, E. e Wagner, A. (2005). “A gravidez à luz da perspectiva paterna: aspectos relativos à transgeracionalidade”. In: Wagner, A. (org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Brandão, C. R. (1984). *O que é educação*. 12. ed. São Paulo, Brasiliense.
- Bronfenbrenner, U. (1979/1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. e Morris, P. A. (1998). “The ecology of developmental process”. In: Lerner, R. M. (ed.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*. 5 ed. Nova York, John Wiley.
- Carvalho, I. (2002). *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre, EDUFRGS.
- Cecconello, A. M. e Koller, S. H. (2004). “Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco”. In: Koller, S. H. (org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Costa, A. A. (2004). *Em busca de uma estratégia de transição para a sustentabilidade ambiental da pesca artesanal no município do Rio Grande/RS – Estuário da Lagoa dos Patos*. Dissertação de mestrado em Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande, RS, FURG.
- Falcke, D. e Wagner, A. (2005). “A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos”. In: Wagner, A. (org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Garcia, N. M. (2007). *Educação nas famílias de pescadores artesanais: transmissão geracional e processos de resiliência*. Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande, RS, FURG.

- Garcia, N. M. e Yunes, M. A. M. (2006). “Resiliência familiar: baixa renda e monoparentalidade”. In: Dell’Aglia, D.; Koller, S. H. e Yunes, M. A. (org.). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Gomes, J. V. (1994). Socialização primária: tarefa familiar? *Cadernos de Pesquisa*, n. 91, nov.
- Loureiro, C. F. B. (2004). *Trajetórias e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo, Cortez.
- Macedo, R. M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, n. 91, nov.
- Maldonado, S. C. (1986). *Pescadores do mar*. São Paulo, Ática (Série Princípios).
- Paiola, L. M. e Tomanik, E. A. (2002). Populações tradicionais, representações sociais e preservação ambiental: um estudo sobre as perspectivas de continuidade da pesca artesanal em uma região ribeirinha do rio Paraná. *Acta Scientiarum*, v. 24, n. 1, pp.175-180.
- Reigota, M. (1994). *Meio Ambiente e representação social*. 2. ed. São Paulo, Cortez (Questões da nossa época).
- Rodrigo, M. J. e Palacios, J. (1998). *Familia y desarrollo humano*. Madri, Alianza Editorial.
- Santos, J. E. e Sato, M. (2001). “Universidade e ambientalismo – encontros não são despedidas”. In: Santos, J. E. e Sato, M. (orgs.). *A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos, Rima.
- Silva, C. A. D. (1998). “Família e educação: olhares e desafios”. In: Loch, G. M. e Yunes, M. A. M. (orgs.). *A família que se pensa e a família que se vive*. Rio Grande, Editora da FURG.
- Strauss, A. e Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative reserch: Grounded theory procedures and techniques*. London, Sage.
- Szymanski, H. (1995). “Teoria e ‘teorias’ de famílias”. In: Carvalho, M. C. B. (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo, EDUC/ Cortez.
- (1996). A prática de pesquisa participante junto a famílias de baixa renda: o jogo cotidiano do vivido e do pensado. *Coletâneas da ANPEPP* (Comunidade, meio ambiente e qualidade de vida), v. 1, n. 3, set.
- (2000). A família como *locus* educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 81 (jan./abr.), n. 197, pp.14-25.

- Szymanski, H. (2004). Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. *Revista Estudos de Psicologia*, v. 21 (maio/ago.), n. 2, pp. 5-16.
- Yunes, M. A. M. (2001a). *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC.
- (2001b). A aplicação da “grounded-theory” como método de análise qualitativa no estudo da resiliência em famílias de baixa renda. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v. 2, n. 13, pp. 123-139.
- Yunes, M. A. M.; Mendes, N. F. e Albuquerque, B. de M. (2005). Percepções e crenças de agentes comunitários de saúde sobre resiliência em famílias monoparentais pobres. *Texto & Contexto Enfermagem*, n. 14 (especial).

Narjara Mendes Garcia

Pedagoga, mestre e doutoranda em Educação Ambiental (PPGEA/FURG),
Bolsista de pós-graduação Capes e membro do Núcleo
de Estudos e Atenção às Famílias (NEAF/CEP-Rua/FURG).
E-mail: narjaramg@yahoo.com.br

Maria Angela Mattar Yunes

Psicóloga com pós-doutoramento no Instituto de Psicologia da UFRGS,
Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP. É Pesquisadora do CNPq,
Professora Adjunta do ICHI/FURG e coordenadora do Centro de Estudos
Psicológicos sobre Meninos e Meninas em Situação de Rua (CEP-Rua/FURG).

Priscila Freitas Chaves

Bióloga e mestranda em Educação Ambiental (PPGEA/FURG).
Atuou nesta pesquisa como bolsista de iniciação científica FAPERGS.

Lídia Oliveira dos Santos

Pedagoga e professora da rede municipal de ensino.
Atuou nesta pesquisa como bolsista voluntária de iniciação científica.